

## **A COR DA CULTURA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS – O CURSO DE FORMAÇÃO NA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES**

Helena Maria Alves Moreira; Mônica Regina Ferreira Lins; Luciana Maria da Conceição Vieira

*Universidade do Estado do Rio Janeiro*

[helenamaria.moreira@gmail.com](mailto:helenamaria.moreira@gmail.com) ; [monicarlins@gmail.com](mailto:monicarlins@gmail.com); [vieira394@hotmail.com](mailto:vieira394@hotmail.com)

### **Introdução**

Quando falamos em cultura nos remetemos a vários significados e significantes que o termo carrega consigo. Segundo Munanga (2009), uma cultura é um conjunto complexo de objetos materiais, comportamentos e ideias, adquiridos numa medida variável pelos respectivos membros de uma dada sociedade. Para tanto, devemos considerar que uma sociedade não poderia existir sem cultura, essa herança coletiva transmitida de geração em geração e que permite aos descendentes não poder reinventar todas as soluções. Uma cultura supõe a existência de um grupo que a crie lentamente, a viva e a comunique.

Dentro da perspectiva de difundir afirmativamente as culturas afrodescendentes e seus valores silenciados, no ano de 2004, foi criado o Projeto A Cor da Cultura (ACDC), fruto de uma parceria entre Petrobrás (até 2014), a extinta Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), o Centro Brasileiro de Informação e Documentação do Artista Negro (CIDAN), o Ministério da Educação, através da SECADI, o Ministérios da Cultura, através da Fundação Cultural Palmares, Fundação Roberto Marinho, via Canal Futura e a TV Globo. O ACDC, se define como um projeto educativo de valorização da cultura afro-brasileira que possui produtos audiovisuais, ações culturais e coletivas considerados por seus idealizadores como práticas positivas de valorização da história deste segmento, sob um ponto de vista afirmativo.

Para Andrade (2009), em sociedades multiculturais e marcadas pelo preconceito e pela discriminação de vários tipos, tais como: racismo, sexismo, xenofobia, homofobia, entre outros, a tolerância com o diferente apresenta-se como uma agenda mínima, urgente e extremamente necessária.

Entretanto, pensamos que precisamos ir além da ideia de tolerância, superar a visão “monocultural” que entende a diferença apenas na dimensão da aceitação e avançar para uma perspectiva

intercultural que rompa com as invisibilidades impostas pela homogeneização eurocêntrica. O diferente não deve apenas incluído no status quo vigente, mas os espaços educativos devem promover uma transformação do ser, para que a diferença seja constitutiva das práticas educativas, visando uma nova forma de se pensar o conhecimento produzido a partir do reconhecimento das diversas identidades culturais. A interculturalidade questiona as relações de poder instituídas, estabelecendo novas formas de organização dos saberes socialmente produzidos .

O estudo refere-se a uma pesquisa de mestrado em fase de desenvolvimento. O presente recorte da pesquisa investiga qual a relevância do curso de formação de professores para aplicação do projeto A Cor da Cultura através dos depoimentos de seus participantes. E, também, compreender de que forma os professores conseguiram se apropriar dessas diretrizes em suas práticas docentes.

O material do projeto A Cor da Cultura foi construído por educadores que eram ativistas dos Movimentos Negros, professores das redes de ensino e por pesquisadores do campo da educação para a educação das relações étnico-raciais. O Programa nasce no rastro da implementação da Lei 10639. O material é composto de um *Kit* pedagógico direcionado especificamente para formação de professores de cinco cadernos e um glossário. O projeto ainda dispõe de quatro programas, são eles: Mais Ação, Nota 10, História Animadas e Heróis do Mundo. Durante o período em que todos os convênios estavam ativos o material foi amplamente distribuído nas escolas públicas, sendo uma importante iniciativa de formação. O curso de formação foi e é oferecido até os dias de hoje, apesar de ter diminuído drasticamente com as restrições orçamentárias, em vários municípios do território nacional. Os cursos contam com a presença de dois professores para cada turma, e eram denominados pelo projeto como “dupla mobilizadora”. São realizadas dinâmicas de grupo, durante dois ou três dias onde são tratados temas como: racismo, inclusão, o papel do negro na sociedade, etc.

A fundamentação teórica e as metodologias utilizadas pelos professores foram consideradas pela maioria dos participantes como pontos fundamentais para o sucesso do curso. O curso também contou com atividades complementares que deram a oportunidade da apresentação, como por exemplo, troca de CD's, livros, revistas, troca de contatos, críticas e sugestões advindas dos participantes. Todos esses fatores apresentados foram essenciais, destacamos os elogios proferidos a palestra ministrada pela Professora Azoilda Loretto da Trindade, a sabedoria, clareza e segurança dos

capacitadores<sup>1</sup> em conduzir as discussões, a metodologia, os materiais (audiovisual), textos, dinâmicas, motivação, respeito de opinião e carisma dos professores.

### **Metodologia**

A metodologia utilizada foi o estudo de caso por se tratar da análise da percepção das professoras e professores durante o curso de formação no ano de 2006, uma vez que o projeto teve início em 2004 e perdura até os dias de hoje. Todo o material foi gentilmente cedido por uma de suas idealizadoras, Ana Paula Brandão, e que atualmente, ocupa o cargo de Gerente de Mobilização do Canal Futura da Fundação Roberto Marinho.

Foram analisadas as fichas de Avaliação Geral que eram distribuídas ao final do curso. São 528 formulários; sendo 288 do município de Niterói no Rio de Janeiro; 192 do estado da Bahia; 48 do estado do Maranhão todos realizados durante o ano de 2006.

Os participantes deveriam avaliar as perguntas assinalando indicadores avaliativos como: insuficiente, fraco, regular, bom ou excelente. As perguntas variavam entre os materiais, a organização e o grau de comprometimento dos participantes. Dentro dessa perspectiva a equipe do ACDC procurava saber: se o curso foi suficiente no conhecimento do recurso audiovisual como ferramenta pedagógica para a utilização do Kit; qual foi o grau de compreensão das etapas do projeto; qual o potencial de motivação para a aplicação prática do que foi proposto na formação; se teria ampliado a capacidade de elaboração de um plano de trabalho a partir dos estudos propostos; se houve o atendimento das suas expectativas docentes com relação à formação; avaliou a organização do processo de capacitação/formação, o desempenho dos participantes, a atuação dos palestrantes e dos professores.

Os professores deveriam refletir sobre: as dinâmicas realizadas; a fundamentação teórica, a metodologia de uso da imagem; as atividades complementares; se o tempo planejado para as atividades foi adequado; quais foram os pontos fortes e fracos dos encontros e o que poderia ser feito para ajustá-los. A dupla mobilizadora foi avaliada com o objetivo de indicação de suas principais qualidades e os pontos a melhorar.

No município de Niterói, por exemplo, num grupo de 34 professores, a maioria dos professores consideraram que os kits e recursos audiovisuais do Projeto como “**Excelente**”,

---

<sup>1</sup> Destacamos que o termo “capacitadores” é de exclusividade do projeto A Cor da Cultura. (83) 3322.3222

nenhum item foi considerado “**Insuficiente**” e a grande maioria optou por considerar “**Bom**” a capacitação (termo usado pela Fundação Roberto Marinho) como um todo.

Além das opções de múltipla escolha nos formulários, há um espaço para que o participante deixe seu recado, se assim o quiser, e cabe destacar as sugestões/depoimentos de algumas pessoas e suas referências à Lei 10639, de 2003, que estava bem no início de sua implantação, conforme abaixo:

*“Divulguem o projeto mesmo que de forma mais breve nos municípios, em eventos e palestras, cursos, enfim, não apenas aqui...”*

*“Pensem numa maneira de estender este material às escolas particulares também pois nelas encontram-se as elites com conceitos muitas vezes ligados a uma história de supervalorização, seria muito interessante trabalhar com o kit também nestes locais.”*

*“Foi muito bom saber como existem pessoas que amam e respeitam sua cultura, a cultura do seu povo.”*

*“Amei o curso. Aprendi muitas coisas que desconhecia.”*

*“Foi cansativo durante três dias acordar às cinco da manhã. Porém gratificante saber que hoje estou mais preparada para debater o assunto.”*

*“A ousadia é uma característica extremamente subjetiva, não sei quais são os comprometimentos ideológicos do projeto, mas afinal o material é muito bom e nesses tempos temos que aproveitar qualquer brecha para lutar por dias melhores.”*

*“Estou muito confiante neste projeto. Já está mais que na hora de valorizarmos as nossas raízes. Com certeza encontraremos diferentes obstáculos, mas não podemos nos deixar abater. Até porque esta luta já vem sendo travada há anos pelas pessoas como vocês que deram origem a criação desta lei.”*

*“Foi maravilhoso conhecer todas essas pessoas, senti uma comunhão de sentidos. Ouvi depoimentos parecidos e diferentes da minha realidade. Vi nos olhos das companheiras brilho de coragem, de comprometimento e, sobretudo, de esperança e disposição de lutar por um mundo melhor.”*

*“Fiquei muito feliz de ter a oportunidade de participar desta capacitação para a implementação deste projeto pela sua importância, não como uma obrigação por imposição da lei, mas pela necessidade desse trabalho sinto agora mais preparo e responsabilidade, além de perceber a necessidade de aprofundar o assunto e disseminá-lo. Este projeto é de suma importância e a*

*maneira como foi realizada a capacitação foi empolgante.”*

Percebemos um grande número de respostas um tanto evasivas e que muitos pareciam estar entrando em contato pela primeira vez com o campo teórico-prático da Educação para as relações étnico-raciais. Alguns têm uma melhor compreensão, mas, mesmo assim, se colocam “de fora” da conquista da Lei 10639/03.

No estado da Bahia, apesar do curso ter sido ministrado no município de Lauro de Freitas, havia profissionais das cidades de Salvador e Camaçari. A maioria dos professores demonstrou interesse em receber o Kit do Projeto ao final do curso. Essa professora trouxe as suas marcas de pertencimento.

*“Parabenizo a todos empenhados nesse projeto A Cor da Cultura pela iniciativa de fazer a implementação da lei 10639/03 nas escolas, as quais perpassam várias dificuldades de assunção dos elementos da história e cultura afro-brasileira, renegados há vários anos ao soterramento dos nossos ancestrais. Mas eles resistiram e aqui estamos nós. Graças a heróis, pessoas engajadas na luta desconstruiremos mitos e estereótipos seculares. E com certeza serei uma multiplicadora por gosto, prazer e satisfação.”*  
*(Sou M.B, mulher negra, cidadã brasileira)*

“Okoloféolorum!” Assim um dos participantes do grupo de formação que ocorreu no estado do Maranhão agradeceu aos profissionais que ministraram o curso naquela localidade. Ao pesquisar tal expressão descobrimos que para os *Jeje* e também os *Ketu*, o pedido de benção se faz por *Ko ejê lofé* e a resposta *Kolofé Olorum*, que se traduz em “Que Deus te abençoe!”.

## **Resultados**

Percebe-se um encontro com uma discussão nova em vários relatos de professoras e professores. Encontramos críticas pontuais, mas, geralmente ligadas à infraestrutura dos locais onde os cursos foram ministrados ou pelo pouco tempo em que eles ocorreram. Esses e outros tantos relatos nos leva a refletir não só a importância do Projeto em si, mas também sobre a carência que existia no período de cursos e formação em serviço dos profissionais. As avaliações pautadas fora da discussão conceitual indicam os problemas que nossos professores sofrem em sua formação inicial.

Segundo Nóvoa (2000), vivemos numa busca contínua por conhecimento, num processo frequente de atualização, que leve cada um a adquirir os instrumentos para uma permanente renovação do saber. Este movimento teve alguma importância, chamando a atenção para a necessidade de orientar um estudo autônomo do sujeito, de ter uma leitura crítica da informação, de organizar e sistematizar o saber, de buscar por si próprio o conhecimento. Assim os diferentes materiais do projeto “A Cor da Cultura” provocam os professores para que reflitam sobre suas práticas e questionem o papel que a escola tem na Educação para as relações étnico-raciais.

A introdução do caderno de formação Modos de Fazer (2010) indica que a relação formativa será dialógica e polifônica, como defende uma de suas principais idealizadoras, Azoilda Loretto da Trindade. Ao especificar conteúdos, “como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional”, essa legislação traz o protagonismo de africanos, afro-brasileiros e indígenas, dando voz a sujeitos históricos que foram silenciados na educação brasileira.

Nilma Lino Gomes propõe que a desconstrução de categorias que hierarquizavam esses sujeitos de direitos, alvos da Lei 10639/03 e 11645/08, na constituição do povo brasileiro permite a construção de uma pedagogia da diversidade, sendo um forte instrumento de combate ao racismo. Marco André dos Santos reitera a importância de combate às práticas pedagógicas que reforçavam estereótipos sobre os afrodescendentes.

Roberta Fusconi e Guimes Rodrigues Filho denunciam a história oficial brasileira que produziu o negligenciamento das culturas africanas no papel de desenvolvimento da ciência e da tecnologia, essa exclusão histórica nos compêndios escolares é face das práticas colonialistas. Júlio Tavares trata da necessidade de descolonizar o imaginário nacional eurocêntrico que subalterniza e não valoriza as contribuições civilizatórias de africanos e afro-brasileiros (Caderno A Cor da Cultura – Saberes e Fazer – Modos de Fazer, 2010: pp. 5-11).

São muitos os autores que escrevem no Caderno Modos de Fazer que buscam não apenas integrar os saberes desses povos, mas propor uma nova epistemologia, apostando que essa é uma via fundamental de romper com o racismo estrutural que versa em nossa sociedade. Aqui fizemos um brevíssimo recorte do vastíssimo material que está disponível na INTERNET para consulta e estudo, com ideias e conceitos que nortearam os cursos de formação de professores.

## Conclusões

A ação pedagógica está diretamente ligada ao trabalho do professor; este passa a ser visto como um profissional, munido de saberes necessários para resolver uma ou outra situação, cabendo a este ou esta profissional, o poder de deliberar, julgar e decidir com relação à melhor situação/ação a ser adotada, ou seja, o saber do professor pode ser racional sem ser um saber científico, e por isso, legitimado. Mas as políticas públicas de combate ao racismo, via educação, não podem prescindir de uma ação formativa na busca de novos sujeitos, sendo assim professores precisam transformar suas visões de mundo para que sejam agentes de uma nova epistemologia.

Temos que considerar que os saberes docentes são constituídos, histórico e socialmente por quem exerce a profissão, em condições nem sempre favoráveis do ponto de vista da valorização profissional e que influenciam diretamente em sua prática docente. Os saberes docentes prévios precisam ser revolucionados, para que seja possível que a escola seja, de fato, um espaço de aprendizagem de uma outra lógica de mundo intercultural e que rompa com o eurocentrismo presente nas padronizações sociais.

## Referências

ANDRADE. M. (Org.) *A diferença que desafia a escola*. Rio de Janeiro: Quartet, 2009.

Caderno A Cor da Cultura – Saberes e Fazeres – Modos de Fazer, 2010

MUNANGA, K. *Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações*. São Paulo: Global, 2009.

NÓVOA. A. *Universidade e Formação Docente*.  
Interface: Botucatu - vol.4 no.7 Aug. 2000



